



XVII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XVII ENANCIB)

GT 10 – Informação e Memória

DA VIDA DE UM FOTOHELIOGRÁFO: ITINERÁRIOS E MEMÓRIAS

ABOUT THE LIFE OF A PHOTOHELIOGRAPH: ROUTES AND MEMORIES

Maria Lucia de Niemeyer Matheus Loureiro¹, Carlos Xavier de Azevedo Netto², José Mauro Matheus Loureiro³, Ana Beatriz Soares Cascardo⁴

Modalidade da apresentação: Comunicação Oral

Resumo O trabalho se propõe traçar a biografia de um fotoheliógrafo centenário que pertenceu ao Observatório Nacional e hoje integra o acervo do Museu de Astronomia e Ciências Afins. O estudo segue abordagem proposta por Igor Kopytoff para estudos das coisas como mercadorias, adaptada por Samuel Alberti para abordar objetos de museus. Para alcançar o objetivo, são utilizados: a documentação museológica do objeto, notícias de jornal, relatórios oficiais e, de modo muito especial, depoimentos e anotações de um antigo funcionário, que, por mais de quarenta anos, foi responsável

¹ Bacharel em Museologia pelo Museu Histórico Nacional - MHN, Mestre (1998) e Doutora (2003) em Ciência da

Informação pelo IBICT/UFRJ. No MAST, atua na Coordenação de Museologia e é docente permanente do PPACT

- Mestrado Profissional em Preservação de Acervos de Ciência e Tecnologia.

² Bacharel em Arqueologia, Mestre em História e Crítica da Arte (UFRJ) e Doutor em Ciência da Informação (IBICT/UFRJ). Professor Associado da UFPB, Coordenador do Núcleo de Documentação e Informação Histórica

Regional e docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da mesma Universidade.

³ Bacharel em Museologia, Mestre e Doutor em Ciência da Informação (UFRJ/IBICT). Professor Associado da UNIRIO, docente permanente do do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UFPB.

⁴ Bacharel em Museologia, Mestre em Artes pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Bolsista do Programa de Capacitação Institucional do Museu de Astronomia e Ciências Afins – Mast.

pela Oficina do Observatório e, por quase uma década, colaborou com o Museu na identificação e descrição dos objetos vindos daquele Instituto. Com o intuito de demonstrar as possibilidades da abordagem biográfica, foi traçado um esboço da biografia do objeto contemplando seu contexto de uso e vida na coleção.

Palavras-chave: Documento. Memória. Cultura material. Observatório Nacional. Fotoheliógrafo.

Abstract: *The study aims to trace the biography of a photoheliograph of over a hundred years that belonged to the Brazilian National Observatory and now belongs to the collection of Museu de Astronomia e Ciências Afins. The study follows the approach proposed by Igor Kopytoff for studies of things as commodities and adapted by Samuel Alberti to address museums objects. To achieve the goal, we used the object documentation in the museum, newspaper articles, official reports and, most especially, testimonials and notes of a former official of the Centre who for over forty years, was responsible for the Observatory Workshop and for nearly a decade, he collaborated with the museum in the identification and description of objects coming from that Institution. To demonstrate the possibilities of biographical approach, it was drafted a biography of the photoheliograph contemplating its context of use and life in the collection.*

Keywords: *Document. Memory. Material culture. National Observatory. Photoheliograph.*

1 INTRODUÇÃO⁵

O trabalho que segue tem como premissas a crença de que as coisas materiais são forças constituintes da sociedade, exercem função mnemônica não exclusivamente simbólica e não se limitam unicamente a interpretações subjetivas (JONES, 2007, p. 6). Por estarem enredadas nas práticas sociais, são capazes de transformar, armazenar e preservar informação social, e agem como “(...) uma espécie de texto, uma forma silenciosa de escrita e discurso” (TILLEY, 1994, p. 70).

Tim Ingold (2012, p. 25) propõe que seja retomada a noção de coisa, “(...) porosa e fluida, perpassada por fluxos vitais, integradas aos ciclos e dinâmicas da vida e do meio ambiente”. Denunciando a retirada das coisas dos processos vitais, propõe – a partir de Deleuze e Guattari – que os fluxos de materiais sejam seguidos, “(...) traçando os caminhos através dos quais a forma é gerada, onde quer que eles nos levem”. Insiste, ainda, no caráter criativo desse movimento, e na ideia de que as coisas estão imbricadas umas com as outras:

[...] os caminhos ou trajetórias através das quais a prática improvisativa se desenrola não são conexões, nem descrevem relações *entre* uma coisa e outra. Elas são linhas *ao longo das quais* as coisas são continuamente formadas. Portanto, quando eu falo de um emaranhado de coisas, é num sentido preciso e literal: não uma rede de conexões, mas uma malha de linhas entrelaçadas de crescimento e movimento. (INGOLD, 2012, p. 27)

A ideia de que coisas exercem função mnemônica⁶ é mais facilmente aplicável àquelas preservadas e transmitidas de geração em geração por famílias ou comunidades que lhes atribuem valor por remeter a tempos passados, pessoas importantes ou queridas. Este trabalho, entretanto, propõe-se a traçar a biografia de um fotoheliógrafo⁷ centenário que pertenceu ao Observatório Nacional – ON e que hoje integra o acervo do Museu de Astronomia e Ciências Afins – Mast. Não se trata de um estudo sobre fotoheliógrafos ou sobre instrumentos científicos, mas sobre um “objeto individual”, porque “(...) pensado como único, distinto dos demais, constituindo uma unidade inconfundível”. O que nos move, portanto, é sua presença no tempo e no espaço (DAHLBERG, 1978, p. 101).

⁵ Para a realização deste trabalho, os autores receberam o apoio do CNPq (Editais Universais 2011 e 2013).

⁶ Este trabalho tem como premissa a crença de que uma coisa – qualquer coisa – pode exercer função mnemônica, ou seja, estabelecer associações que permitam ancorar memórias ou favorecer sua construção.

⁷ Fotoheliógrafo é uma forma modificada de telescópio adaptado para tirar fotos do sol (BRITISH..., 1921, p. 137). Optamos, neste trabalho, pela grafia registrada no “Thesaurus de acervos científicos em língua portuguesa”, disponível em <<http://thesaurusonline.museus.ul.pt/default.aspx>>. Acesso em: 19 ago. 2016.

O instrumento, apresentado na Figura 1, é de fabricação alemã (Carl Zeiss) e foi encomendado pelo Observatório com vistas à observação do eclipse solar de 1912. Para compor sua biografia, baseamo-nos na documentação museológica do objeto, além de notícias publicadas em jornais, relatórios oficiais e, de modo muito especial, nos depoimentos e anotações de um antigo funcionário do Observatório que, por mais de quarenta anos, foi responsável pela Seção de Preparo Instrumental e, por quase uma década, colaborou com o Mast na identificação e descrição dos objetos procedentes daquele Instituto (SANTOS; GRANATO, 2015, p. 161).



Figura 1: Fotoheliógrafo Carl Zeiss.
Foto Jaime Acioli. Acervo Mast.

O estudo segue metodologia proposta por Igor Kopytoff (2008) para estudos das coisas como mercadorias e preconizada por Samuel Alberti (2005) para abordar objetos de

museus. A abordagem, descrita a seguir, é compatível com a forma de ver as coisas em sua processualidade, como propõe Ingold (2012). É a partir dela que propomos a primeira versão de uma biografia – ou uma das muitas biografias possíveis do fotoheliógrafo.

2 A ABORDAGEM BIOGRÁFICA

Igor Kopytoff sugere que seja aplicada às coisas a técnica biográfica correntemente utilizada pela Antropologia para delinear histórias de indivíduos. A abordagem permitirá compreender não apenas as dinâmicas de grupos em relação às coisas e analisar seu trânsito e simbolismo em determinados domínios culturais, mas, sobretudo, sua relação com as pessoas envolvidas. Segundo o autor, que aborda a mercantilização como um processo, “(...) mercadorias simplesmente existem” (Kopytoff 2008, p. 89), fazem parte das dinâmicas sociais por meio de escambo ou dinheiro. Uma coisa é mercadoria quando posta à venda e no ato de sua compra, mas o uso, qualificação ou relação que ela estabelece antes ou depois deste processo é independente: coisas podem estar (transitoriedade) e não necessariamente ser (permanência) mercadoria.

Finalmente, a mesma coisa pode, ao mesmo tempo, ser vista por uma pessoa como uma mercadoria, e como uma outra coisa por outra pessoa. Essas mudanças e diferenças nas circunstâncias e nas possibilidades de uma coisa ser uma mercadoria revelam uma economia moral subjacente à economia objetiva das transações visíveis. (KOPYTOFF, 2008, p. 89)

A concepção de que coisas pertencem ao universo das trocas (desapegos e aquisições) e pessoas ao outro extremo, o da singularidade e individualidade (não intercambiável) é, para o autor, contemporânea e ocidental⁸, já que, ao recuarmos historicamente, percebemos que o ser humano foi mercadoria em diferentes momentos. Esse caráter mutável das coisas – que podem ser mercadorias ou não, dependendo de circunstâncias, também é aplicável, portanto, a pessoas: “(...) o que percebemos na carreira de um escravo é um processo de retirada inicial de um determinado contexto social original, a mercantilização seguida de uma crescente singularização, ou seja, re-mercantilização”. (KOPYTOFF, 2008, p. 91)

⁸ Marcel Mauss (2003), para quem a obrigação de dar, receber e retribuir constitui a essência da troca, afirma que “(...) na origem, seguramente as próprias coisas tinham uma personalidade e uma virtude” (p. 269). No direito hindu clássico, “(...) a terra, o alimento, tudo o que se dá, são seres vivos com os quais se dialoga e que participam do contrato. Eles querem ser dados.” (p. 281). Na sociedade contemporânea, adverte que “(...) as coisas possuem ainda um valor sentimental além de seu valor venal, se é que há valores que sejam apenas desse gênero” (p. 294) e que “(...) as coisas vendidas têm ainda uma alma, são seguidas por seu antigo proprietário e o seguem” (p. 295). (MAUSS, 2003)

Para aplicar o método biográfico, o autor sugere que as perguntas formuladas às coisas devem ser similares às que são direcionadas a pessoas. Isso permite traçar a dinâmica da coisa levando em conta vários dos aspectos e papéis desenvolvidos ao longo de sua trajetória social.

Quais são, sociologicamente, as possibilidades biográficas inerentes a esse “status”, e à época e à cultura, e como se concretizam essas possibilidades? De onde vem a coisa e quem a fabricou? Qual foi sua carreira até aqui, e qual é a carreira que as pessoas consideram ideal para esse tipo de coisa? Quais são as “idades” ou as fases da “vida” reconhecidas de uma coisa, e quais são os mercados culturais para ela? Como mudam os usos da coisa conforme ela fica mais velha, e o que lhe acontece quando a sua utilidade chega ao fim? (KOPYTOFF, 2008, p 91)

Interessante destacarmos que as coisas que se tornam altamente mercantis estão em termos de valor social se direcionando para o comum, para aquilo a que podemos atribuir algum preço, enquanto que certas coisas distantes do mercado caminham em direção à singularidade, ao especial, ao sagrado e, portanto, sem preço no sentido pecuniário. Ainda assim, em determinados momentos, coisas singulares (como, por exemplo, uma pintura de Renoir) podem entrar no mercado, o que para a sociedade ocidental equivaleria a uma espécie de vulgarização da coisa (KOPYTOFF, 2008, p. 93).

Ao refletir sobre a dinâmica vulgarização/singularização, o autor ressalta a cultura como força contrária à mercantil: “(...) a força que se opõe a essa torrente potencial de mercantilização é a cultura. Na medida em que a mercantilização torna o valor homogêneo, e que a essência da cultura é a discriminação, o excesso de mercantilização é anticultural [...]” (KOPYTOFF, 2008, p. 100).

Cabe ressaltar, no entanto, que nem todo objeto que se encontra fora do mercado assim o está por ser dotado de alto valor ou significado; pelo contrário, muitas das coisas não estão à venda pelo simples fato de valerem absolutamente nada. Todas essas coisas não intercambiáveis seriam não-mercadorias: “(...) ser uma não-mercadoria é ser ‘sem preço’, no sentido mais amplo possível do termo, indo desde o particularmente valioso até o particularmente sem valor.” (KOPYTOFF, 2008, p. 102).

Nas sociedades complexas, caracterizadas pelo “evidente desejo de singularização”, essa aspiração é individualmente atendida pela “(...) singularização particular, baseada em princípios tão corriqueiros quanto os que determinam o destino de grandes patrimônios ou de chinelos velhos”. Quando esse desejo assume forma coletiva, entretanto, a singularização é frequentemente obtida “pela referência à passagem do tempo”. Este seria o caso de

automóveis, que perdem gradualmente o valor até certo ponto, e são valorizados após determinada idade, em que atingem o estatuto de antiguidade (KOPYTOFF, 2008, p. 109).

Com os instrumentos científicos – como o fotoheliógrafo que é objeto deste estudo – ocorre muitas vezes situação similar à do automóvel mencionado por Kopytoff. Tornam-se obsoletos a partir de certo número de anos e, progressivamente, são revalorizados como antiguidade, relíquia ou, algumas vezes, objeto de museu.

É exatamente nesse contexto que Samuel Alberti (2005) sugere a aplicação do método biográfico proposto por Kopytoff. No museu, o objeto é excluído do sistema mercantil e passa por dinâmicas de singularização, particularmente (mas não exclusivamente) nos domínios da Arqueologia e da Etnografia. Narrar sua biografia pode desvendar aspectos reveladores não apenas do objeto, mas também da instituição que o preserva, das pessoas com as quais se relaciona (usuários, proprietários, fabricantes, público etc.) em diferentes momentos de sua trajetória, antes e depois do ingresso em um museu.

O método que eu defendo aqui reside na intersecção destes campos [arqueologia, etnografia]. Podemos traçar a carreira de coisas de museu desde a aquisição até o arranjo para a exposição, através de diferentes contextos e das muitas mudanças de valor decorrentes desses movimentos. Ao fazer isso, estudamos uma série de relações em torno de objetos, primeiro em seu caminho para o museu e, em seguida, como parte da coleção. Trata-se de relações entre pessoas e pessoas, entre objetos e objetos, e entre os objetos e pessoas. (ALBERTI, 2005, p. 560-561, tradução nossa)⁹

Para aplicar a biografia dos objetos em museus, são considerados três aspectos:

Em primeiro lugar, considero a mecânica do movimento de objetos desde sua fabricação ou desenvolvimento através da coleta e intercâmbio para o museu, juntamente com as respectivas mudanças de significado e status. Eu, então, considero o uso do item uma vez que ele é agregado à coleção, seja classificatório, analítico, ou em exposição. Na seção final, eu considero o papel do objeto na experiência dos visitantes do museu e a natureza da relação entre o objeto e seu espectador. (ALBERTI, 2005, p. 561, tradução nossa)¹⁰

⁹ “The method I advocate here lies at the intersection of these fields. We can trace the careers of museum things from acquisition to arrangement to viewing, through the different contexts and the many changes of value incurred by these shifts. In doing so we study a series of relationships surrounding objects, first on the way to the museum and then as part of the collection. These are relationships between people and people, between objects and objects, and between objects and people”. (ALBERTI, 2005, p. 560-561)

¹⁰ First, I consider the mechanics of the movement of objects from their manufacture or growth through collecting and exchange to the museum, along with the accompanying shifts in meaning and status. I then consider the use of the item once it joined a collection, whether classificatory, analytical, or in display. In the final section I consider the role of the object in the experience of visitors to the museum and the nature of the relationship between the object and its viewer. (ALBERTI, 2005, p. 561)

O autor enfatiza os vários trânsitos e mudanças de sentido que um objeto pode ter em todas as fases da sua vida na coleção (aquisição, documentação, divulgação etc.), enfatizando o caráter polissêmico desses processos. A vida do objeto, como ressalta o autor, não se encerra quando é admitido na coleção de um museu; ele é ressignificado e passa a construir outras histórias que podem ser contadas sob vários aspectos e relações.

Através de todas essas diferentes rotas, assim, objetos acumulam significado e identidade a partir da interação com doadores, coletores e proprietários prévios. Essas associações aumentam e diminuem – a conexão entre um pássaro de Galápagos e o jovem Charles Darwin pode ser esquecida e depois redescoberta em uma coleção, restabelecendo assim uma estrutura de sentido. Claramente a biografia de um objeto não para quando ele chega ao museu. Ainda assim, sua incorporação à coleção é talvez o evento mais significativo da vida de um objeto de museu – e o ponto a partir do qual a documentação tende a ser mais rica. (ALBERTI, 2005, p. 565, tradução nossa)¹¹

A musealização de um objeto – neste caso, um instrumento científico – transfere-o automaticamente a um outro universo que o singulariza do ponto de vista social e se torna um marco em sua trajetória. É a partir desse enfoque que propomos abordar o fotoheliógrafo.

3 O FOTOHELIOGRAFO DE ZEISS: ESBOÇO DE UMA BIOGRAFIA

A trajetória do fotoheliógrafo que é objeto deste estudo tem início em 1911, ano em que é encomendado pelo Observatório Nacional ao fabricante alemão Carl Zeiss com o objetivo de observar e registrar o eclipse solar que ocorreria em 10 de outubro do ano seguinte e seria visível em sua plenitude em parte do território brasileiro.

Roberto Caffarelli (1980, p. 562) ressalta a importância científica de um eclipse à época, e ainda o fato de que o fenômeno só seria visível em sua totalidade no Brasil. O acontecimento atraiu comissões da Inglaterra, França, Argentina e Chile, mas os trabalhos seriam prejudicados por uma forte chuva que atingiu a região escolhida para observação, como registra o Relatório do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio em 1913:

O eclipse do Sol, que, a 10 de outubro próximo passado, devia ser total em longa faixa do território dos Estados do Rio e Minas na parte que limita com o de S. Paulo, para aqui atraiu diversas comissões estrangeiras, que se

¹¹ *Through all these various routes, then, objects accrue meaning and identity from the interaction with donors, collectors, and previous owners. Such associations wax and wane - the connection between a Galapagos Finch and the young Charles Darwin may be forgotten and then rediscovered in a collection, thus reestablishing a frame of meaning. Clearly the biography of an object did not stagnate once it arrived at the museum. Nevertheless, its incorporation into the collection was perhaps the most significant event in the life of a museum object—and the point at which documentation tends to be richest.* (ALBERTI, 2005, p. 565)

localizaram em Passa Quatro e em Silveiras, pontos mais próprios à sua observação completa. Infelizmente, uma chuva torrencial, que, desde a véspera cahi sobre aquellas localidades, nada deixou observar, perdendo-se assim uma das bellas occasiões para estudos de tanta monta. (BRASIL, 1913, p. 104)

Ao longo de sua “vida” no Observatório Nacional, o instrumento foi utilizado para estudos como eclipses e manchas solares em diferentes oportunidades e por diferentes profissionais. Por meio de documentos oficiais pode ser recuperada parte da trajetória do instrumento: sua encomenda ao fabricante alemão Carl Zeiss em 1911, a construção de pavilhão (concluído em 1915 e demolido na década de 1930) destinado a abrigá-lo, sua transferência em 1920 da antiga sede do Morro do Castelo para as novas instalações em São Cristóvão, a revelação dos clichês no laboratório fotográfico etc. Neste primeiro esboço de biografia, entretanto, concentramo-nos principalmente em notícias publicadas na imprensa e em informações prestadas por Odílio Ferreira Brandão – que trabalhou na instituição por mais de quatro décadas, foi responsável pela Seção de Preparo Instrumental e, já aposentado, colaborou com o Mast na identificação e descrição dos objetos procedentes do Observatório.

Como ressalta a historiadora Christina Barboza (2012, p. 5), o “fiasco científico” do eclipse de 1912 – que motivou a aquisição do fotoheliógrafo – foi determinante para que os historiadores das ciências produzissem poucos registros sobre o evento, que, por outro lado, “(...) ocupou o centro das atenções da imprensa, pelo menos durante algumas semanas” (BARBOZA, 2012, p. 5). A atenção da imprensa ao referido eclipse e a outros eventos astronômicos posteriores se estenderia também ao fotoheliógrafo.

3.1 O ECLIPSE DE 1912 E O FOTOHELIOGRAFO NA IMPRENSA

O eclipse de outubro de 1912 foi notícia por mais que algumas semanas. No mês de fevereiro, oito meses antes da data prevista, um jornal carioca já noticia os “grandes preparativos” para observá-lo e a vinda de cientistas estrangeiros, acrescentando que o observatório teria encomendado “(...) aparelhos especiais para estudar o interessante fenômeno” (A Noite, 24 fev. 1912, p. 1). Em agosto do mesmo ano, a mesma publicação informa que o Rio de Janeiro teria finalmente “um observatório digno de sua importância”, uma vez que a antiga sede, localizada no Morro do Castelo, era “pequena e deficiente para os novos aparelhos adquiridos ou doados”. Na descrição das novas instalações, são mencionadas as edificações incluídas no projeto, entre as quais uma cúpula de 4 metros para o fotoheliógrafo de Zeiss (A Noite, 19 ago. 1912, p. 1).

A montagem de um espetáculo teatral popular evidencia a importância do eclipse para a sociedade:

Com o título “Pelo Canudo” subirá à scena, brevemente, no S. Pedro, uma nova revista nacional em 2 actos, 4 quadros e 1 apothose. [...] A série de scenas nacionaes, episódios cômicos e crítica aos últimos acontecimentos desenrola-se em presença da embasbacada pessoa de um astrônomo chinês que, commisionado pelo seu governo, vem ao Brasil observar o próximo eclipse do Sol. (A Noite, 27 set. 1912, p. 2)

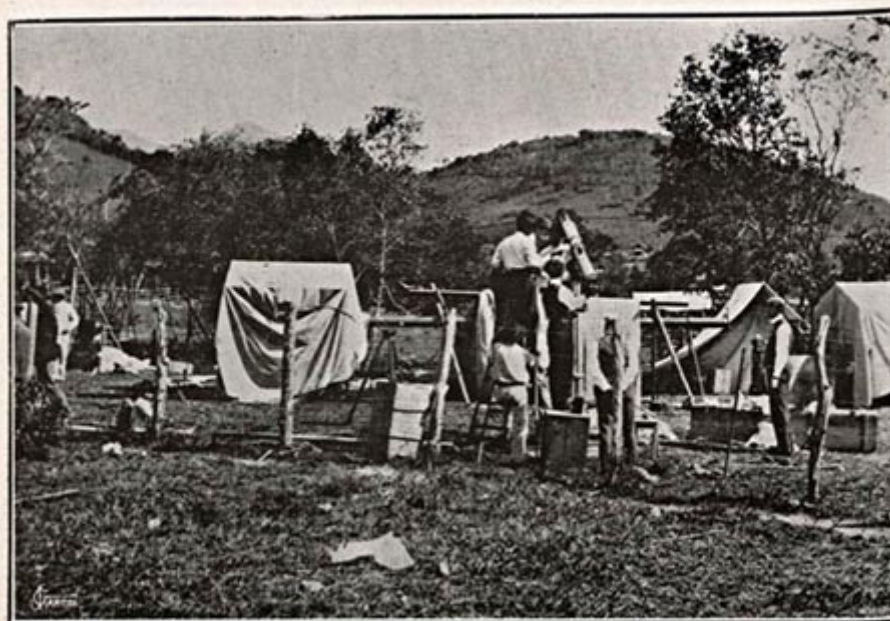
Poucos dias antes do eclipse, uma matéria ilustrada de capa fornecia “informações precisas sobre o interessante phenomeno” (A Noite, 05 out. 1912, p. 1). A previsão do tempo, anunciada diariamente no cabeçalho da primeira página da mesma publicação, faz também referência ao eclipse e confirma o interesse da imprensa: “O TEMPO... Pode ser que só depois do eclipse o frio se retire. Já houve quem ouvisse cigarras cantando...” (A Noite, 7 out. 1912, p. 1). “Ao contrário de todas as previsões, o frio está diminuindo à medida que se aproxima a hora do eclipse...” (A Noite, 09 out. 1912, p. 1).

Como mencionado, a observação do fenômeno foi prejudicada pelas fortes chuvas que desabaram sobre a região onde se instalaram as comissões. “A atmosphaera está coberta, chove. Os astrônomos estão desanimados, receando pelo êxito das observações do eclipse. Continua a ser feita a experiência dos aparelhos” (A Noite, 09 out. 1912, p. 3). Nadada prevista, a infeliz constatação: “o eclipse não pôde ser observado no Brasil” (A Noite, 10 out. 1912, p. 1).

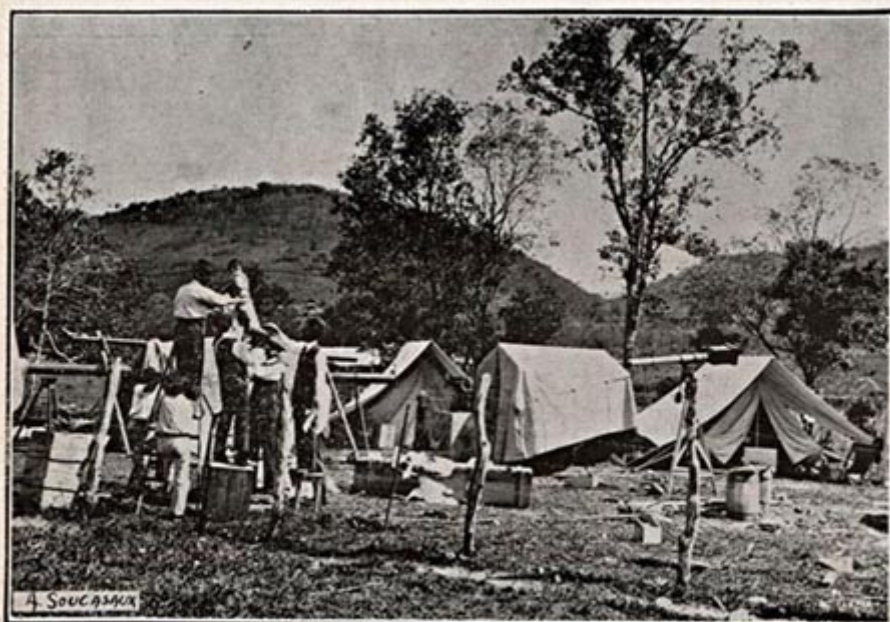
A despeito da fracassada expedição, o eclipse serviu como justificativa para modernizar o equipamento do Observatório Nacional. Para a cidade mineira de Passa Quatro, onde se instalou a comissão chefiada pelo diretor da instituição, Henrique Morize, foi levado um conjunto numeroso de aparelhos que, segundo o jornal carioca Correio da Manhã, incluía dois ftoheliógrafos. De acordo com a mesma publicação, alguns dos instrumentos teriam sido encomendados na Europa especialmente para a observação e estudo do fenômeno. (Correio da Manhã, 04 out. 1912, p. 2)

Embora não seja possível afirmar com total segurança que o ftoheliógrafo de Zeiss tenha sido levado para a cidade de Passa Quatro, duas fotografias publicadas na Revista *Fon-Fon* documentam a montagem de um instrumento similar pela comissão brasileira (ver Figura 2).

O ECLYPSE DE 10 DE OUTUBRO



Aspecto da comissão brasileira em Passa-Quatro, montando o photo-heliograph para observar o eclypse. À direita da photographia vê-se o Dr. Henrique Morize, director do Observatorio Nacional.



Outro aspecto da mesma montagem vendo-se junto do aparelho, (em pé n'um banco) o capitão de corveta Ferreira da Silva, cujos serviços foram solicitados pelo Dr. Morize para as observações do eclypse.

Figura 2: O Eclypse de 10 de Outubro.
Fon-Fon!, 19 out. 1912, p. 28.

Uma das imagens, assinada pelo fotógrafo Augusto Soucaseaux, a serviço do Observatório, registra a presença de um segundo fotoheliógrafo similar ao instrumento do fabricante C. Steinheil, pertencente à instituição, além do diretor Morize e do Capitão de

Fragata Ferreira da Silva, membro da comissão brasileira. As fotografias e respectivas legendas foram reproduzidas por Caffarelli (1980) em um artigo que confirma as presenças do astrônomo Henrique Morize e do Capitão Ferreira da Silva na Estação Brasileira de Passa Quatro, bem como a inclusão de dois fotoheliógrafos no equipamento levado pelo Observatório Nacional. Segundo o autor, “(...) quase todos os instrumentos eram moderníssimos; alguns tinham sido construídos sob encomenda na Europa, para estudar este eclipse” (CAFFARELLI, 1980, p. 569).

O instrumento seria notícia de jornal em outras oportunidades, quase sempre relacionadas a fenômenos astronômicos. Em fevereiro de 1933, por ocasião de um novo eclipse, estampou a primeira página de um jornal, acompanhado de uma imagem do fenômeno e a manchete: “O Observatório Nacional photographou todas as phases do eclipse solar de hoje. Um trabalho magnífico de observação visual e de documentação recolhida pela câmara do photo-heliographo” (Diário da Noite, 24 fev. 1933, p. 1). O instrumento e o astrônomo Domingos Costa seriam acionados em inúmeras ocasiões. Em 1938, às vésperas de uma “tempestade magnética”, a imprensa tranquiliza a população sobressaltada: “A tempestade magnética é uma tempestade em copo d’água” é o título de uma matéria que noticia a limpeza geral no aparelho a ser utilizado para o registro do fenômeno.

O aparelho com que o Observatório terá que apreciar o fenômeno astronômico do dia 21 tem o nome de photo-heliographo “Zeiss”. Este é que deverá tirar fotografias das manchas do Sol, apanhando-as nas suas diversas fases. O tecnico Domingos Costa está fazendo uma limpeza geral naquelle complicado aparelho. Secundado por dois auxiliares, passou ele toda a tarde de hontem empenhado em desaparafusar e recolocar peças do photo-heliographo que, a partir de hoje, ficará definitivamente prompto para entrar em atividade. (O Diário da Noite, 19 fev. 1938)

Dois anos depois, em 30 de setembro de 1940, véspera de outro eclipse solar¹², o instrumento e o astrônomo seriam outra vez notícias de jornal.

O astrônomo Domingos Costa fotografará o eclipse amanhã, no Observatório Nacional, com um aparelho denominado foto-heliógrafo. Nascendo o sol às 5,34 horas, aquele cientista estará a postos de madrugada, a fim de preparar o seu trabalho, que será longo e penoso, pois durará muitas horas seguidas. (A Noite, 30 set. 1940, p. 2)

No dia seguinte, a edição das 11 horas da mesma publicação apresenta a primeira foto do eclipse, obtida com o fotoheliógrafo, acompanhado da manchete: “A primeira foto oficial do fenômeno. O eclipse empolgou a cidade” (A Noite, 01 out. 1940, p. 1). Mais uma vez, a operação é minuciosamente descrita:

¹² O eclipse de 1940 foi total em vários pontos do Brasil, e foi visto parcialmente em quase todas as capitais e no então Distrito Federal (A Noite, 30 set. 1940).

Depois de assentar, em posição conveniente, o foto-heliógrafo – é este o aparelho que daí a pouco irá fotografar o Sol, (*sic*) – o comandante Domingos Costa, passando para outra cúpula do Observatório, entra a lidar com o aparelho equatorial de Heyde, onde faz as suas primeiras observações, determinando a hora exata do primeiro contacto, por projeção sobre um “écran”. Calculado para 7 horas e 55,3 minutos exatamente, o primeiro contacto – é esta a primeira impressão, ainda não homologada, atrasou-se dois segundos apenas.

O Comandante Domingos Costa, feita esta primeira parte da observação, passa para a cúpula onde se acha instalado o foto-heliógrafo. É a hora do Sol ser fotografado. São 8 horas e 5 minutos.

A chapa, retirada do foto-heliógrafo, vai ser revelada.

A operação vai ser feita no Laboratório do Observatório. O Comandante Domingos Costa dirige-se até lá, juntamente com os seus auxiliares. O repórter de A NOITE acompanha o astrônomo.

Poucos minutos mais e tem-se a primeira chapa revelada do eclipse solar, visto parcialmente no Rio de Janeiro. (A Noite, 01 out. 1940, p. 3)

Os trechos apresentados acima servem apenas para dimensionar as possibilidades da abordagem biográfica de objetos a partir de informações publicadas pela imprensa. Os limites impostos a este trabalho, entretanto, não permitem alongar a narrativa. No tópico a seguir apresentamos, assim, informações sobre o instrumento a partir das memórias de um antigo funcionário do Observatório Nacional – Odílio Ferreira Brandão, também conhecido como Seu Odílio.

3.2 O OBSERVATÓRIO E O FOTOHELIOGRAFO NAS LEMBRANÇAS DE SEU ODÍLIO

Odílio Ferreira Brandão – ou Seu Odílio, como era conhecido – trabalhou no Observatório Nacional de 1935 a 1980, tendo chefiado por longo tempo a Seção de Preparo Instrumental. Grande colaborador do Mast, seu vasto conhecimento dos objetos oriundos do Observatório foi fundamental para a identificação e documentação do acervo da instituição que, em sua homenagem, publicou um livro autobiográfico (SANTOS; GRANATO, 2015, p. 152).

Na apresentação da obra (BRANDÃO, 1999), Henrique Lins de Barros, então diretor do Museu, enfatiza sua memória extraordinária:

O armário em sua casa tem tudo o que é necessário para se trabalhar com esses instrumentos que hoje estão expostos no MAST. Mas além de ferramentas e habilidade Seu Odílio guarda dois outros tesouros. O seu caderno com anotações de época não lhe permite enganar: está tudo anotado, dia a dia, detalhe por detalhe. O segundo tesouro, seu maior trunfo, é sua prodigiosa e precisa memória. Nada se perdeu. Lembra, com precisão, de cada detalhe. Pode falar-nos sobre a cor das edificações, a época das intervenções, o tempo em que o bonde passava pelo Campo de São Cristóvão ou sobre os movimentos políticos pelos quais o país passou. (BARROS, 1999, p. 4)

Ao longo de cerca de 10 anos em que colaborou na descrição e identificação do acervo do Museu, Seu Odílio concedeu entrevistas e depoimentos que foram devidamente registrados pela equipe (SANTOS; GRANATO, 2015, p. 161). Além dos depoimentos, registrados e preservados no Núcleo de Documentação e Conservação de Acervo Museológico – NUDCAM, deixou anotações referentes a diversos objetos do acervo, inclusive o fotoheliógrafo de Zeiss. As anotações manuscritas sobre o instrumento, apresentadas na Figura 3, auxiliam na recuperação de eventos relacionados à sua biografia.

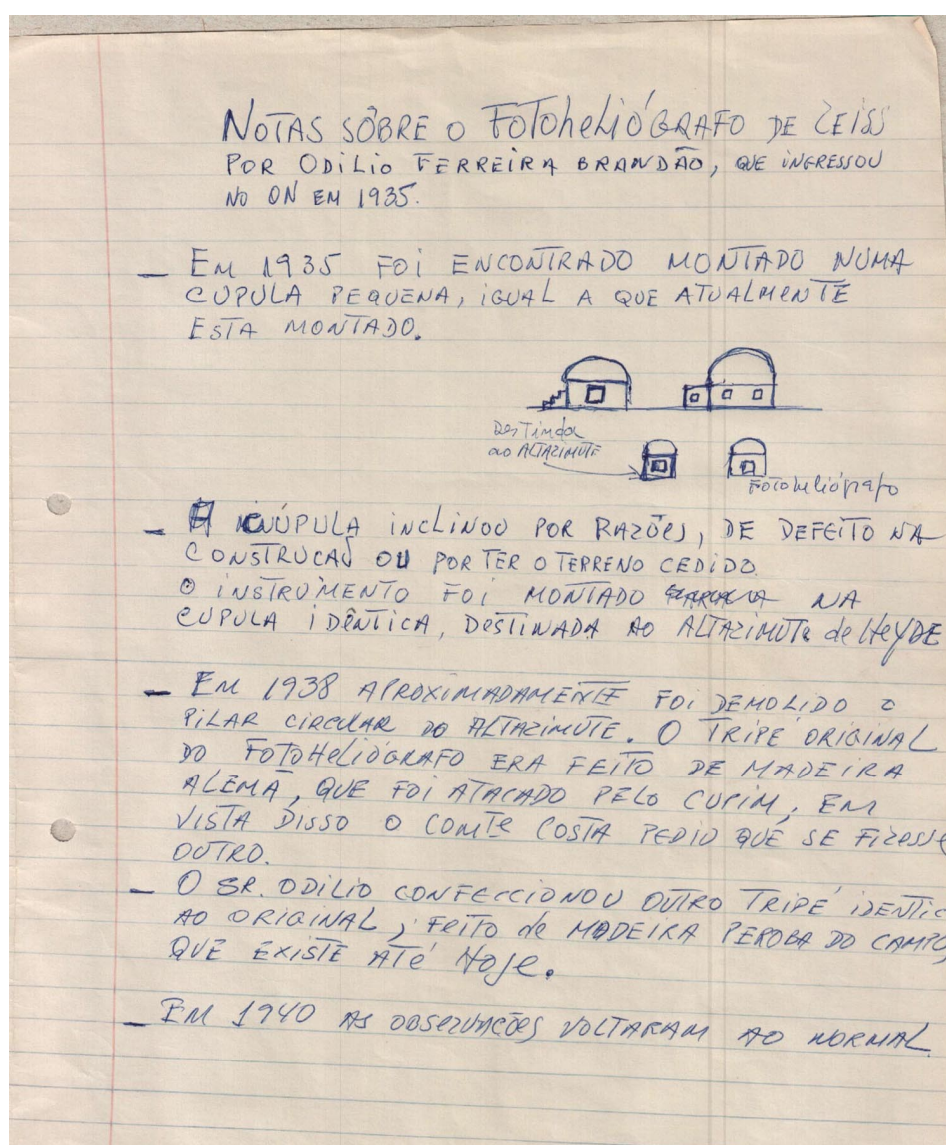


Figura 3: “Notas sobre o foto-heliógrafo de Zeiss por Odílio Ferreira Brandão, que ingressou no ON em 1935”.
Arquivo NUDCAM/MAST.

Graças às anotações e à memória de Seu Odílio, ficamos sabendo que em 1935 o instrumento se encontrava montado em outra cúpula, similar à atual, originalmente destinada

a outro instrumento, o altazimute¹³ de Heyde¹⁴. Somos informados ainda sobre o defeito no abrigo original, a demolição de seu pilar em 1938, e a substituição do tripé original – confeccionado com madeira alemã, destruído por infestação de cupim. Sem as preciosas notas seria difícil saber que o tripé atual, semelhante ao original, foi construído por Seu Odílio com peroba do campo.

Em 1999, o Mast publica o livro de autoria de Seu Odílio (BRANDÃO, 1999), cujas informações precisas ajudam a preencher algumas lacunas da trajetória do objeto. Ao ingressar no Observatório, informa ele, “(...) a maioria dos instrumentos não estava funcionando” (p. 53), o que incluía o fotoheliógrafo. Logo após sua admissão na instituição, é realizada uma intervenção no instrumento:

Logo que entrei para o ON arranjaram uma gratificação de 500 mil réis, dinheiro da época, para ser dividida com aqueles que fossem participar da reforma, sendo também a cúpula incluída. A parte mecânica e pintura do instrumento ficaram a cargo de meu chefe e seu irmão, que eram os mecânicos da época, os quais receberam 200 mil réis cada, fazendo o trabalho durante o expediente. Para mim, na qualidade de carpinteiro e marceneiro, cargo que proporcionou minha admissão no ON, coube fazer novo tripé para o instrumento, porque o original estava contaminado de cupim. Coube-me também fazer a pintura da cúpula, sendo que o tripé poderia ser feito na hora normal do expediente, mas a pintura da cúpula teria que ser feita depois do expediente para fazer jus à gratificação de 100 mil réis. (BRANDÃO, 1999, p.. 54)

O relato acima complementa as informações fornecidas pelas anotações arquivadas no NUDCAM (Figura 3) e deixa transparecer o ressentimento do depoente diante do que considerou um tratamento injusto a ele dispensado pelo Observatório.

Em 1960, o instrumento foi pintado (BRANDÃO, 1999, p. 33) e, em 1965, seu obturador recebeu reparos (p. 42). Em 1967, foram realizados consertos na instalação elétrica da cúpula e “reforma geral (...), incluindo desmontagem, limpeza e pintura, inclusive limpeza de lentes” (p. 45). No mesmo ano, as colunas da cúpula original do fotoheliógrafo, guardadas desde 1938, foram aproveitadas para a fabricação de um telescópio levado para Minas Gerais com a finalidade de buscar o lugar ideal para um observatório de Montanha¹⁵. A montagem desse instrumento ilustra a engenhosidade de Seu Odílio e, simultaneamente, fornece informações preciosas não apenas sobre a prática de canibalização de instrumentos, mas também sobre as trajetórias de vários instrumentos, entre os quais o fotoheliógrafo:

¹³ Aparelho utilizado para medir a altura e o azimute de um astro.[E AZIMUTE, O QUE É?]

¹⁴ Gustav Heyde (1846-1930): fabricante de instrumentos em Dresden, Alemanha.

¹⁵ Trata-se do antigo Observatório Astronômico Brasileiro, criado em 1981 e, inicialmente, subordinado ao Observatório Nacional. Atualmente denominado Observatório do Pico dos Dias, é administrado pelo Laboratório Nacional de Astrofísica, criado em 1985.

Sua maior parte foi construída daquela sucata que eu guardava, sendo sua coluna um tubo que foi aspirador de esgoto sanitário. Seus pés tinham sido colunas pertencentes à cúpula original do foto-heliógrafo, que foi demolido para dar lugar ao anexo da sala da hora. (BRANDÃO, 1999, p. 108)

Em 1968, foi fabricada uma peça para compensar “o peso acrescido por um dispositivo de projeção do sol” (BRANDÃO, 1999, p. 45) e, em 1970, providenciado “um vidro despolido para o caixilho de focalização” (p. 47). Ainda que algumas das informações possam parecer triviais ou até mesmo inexpressivas, contribuem para formar um painel detalhado da biografia de um instrumento que, encomendado por ocasião de um importante acontecimento científico, é hoje alvo de ações de preservação e divulgação.

3.3 DA VIDA NA COLEÇÃO: O FOTOHELIOGRAFO COMO OBJETO DE MUSEU

Como observou Samuel Alberti (2005), o ingresso no museu é um evento marcante na biografia de alguns objetos. O fotoheliógrafo – cuja musealização ocorreu em 1985, ano da criação do Mast – mudou de estatuto sem sofrer deslocamento físico, uma vez que permanece na cúpula de observação que ocupa desde o final da década de 1930.

Em 1986, o acervo procedente do Observatório Nacional foi tombado junto com o conjunto arquitetônico e paisagístico. Foi inscrito no Livro Histórico (sob o nº 509) e no Livro Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico (sob o nº 095) pela então Secretaria de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – atual Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN. No ano seguinte, as construções foram tombadas pelo Instituto Estadual de Patrimônio Cultural – INEPAC. Desde 1985, o objeto, que é preservado *in situ*, vem sendo alvo de ações de conservação, pesquisa e documentação. Em 1993, foi registrado pelo Mast, recebendo o número 1993/0134. Sua identificação e descrição contaram com a colaboração preciosa de Odílio Ferreira Brandão, profundo conhecedor do acervo com o qual trabalhou por quase meio século. Em anos recentes, o fotoheliógrafo foi integrado às seções de observação solar promovidas pelo Museu, participando de atividades de popularização da Astronomia e pesquisa em Educação (REIS NETTO, 2012 [NÃO ESTÁ NAS REFERÊNCIAS]; FALCÃO, VALENTE e REIS, 2014, p. 392). Em junho de 2016, foi iniciada uma série de procedimentos de conservação preventiva nas fachadas externas e cobertura no Pavilhão do instrumento, com o intuito de preservar a integridade visual e estrutural da edificação, garantindo a saúde dos materiais envolvidos por mais anos e evitando a necessidade de restaurações ou intervenções mais agressivas e emergenciais.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A biografia do foteheliógrafo Zeiss é um trabalho em processo e, portanto, sujeito a revisões futuras e preenchimento de lacunas. Trata-se de uma entre as muitas biografias possíveis do instrumento: a depender das fontes consultadas, da metodologia adotada, do(s) lugar(es) de fala do(s) autor(es) e das questões às quais busca responder, é possível traçar um número virtualmente ilimitado de versões que, tal como ocorre com biografias de pessoas, respondem a diferentes inquietações e iluminam diferentes pontos da trajetória seguida.

A versão apresentada neste trabalho é a primeira, e poderá ser ampliada de modo a responder às questões colocadas por Kopytoff (2008) sobre o *status* da coisa biografada em diferentes épocas, sua procedência, fabricante, diferentes usos e seu destino após o fim de sua vida útil.

A adoção dessa abordagem possibilita a análise das relações que se desenvolvem em torno da coisa biografada ou em função dela, não apenas em seu contexto de uso, mas também ao longo de sua vida na coleção. Trata-se, ressalta Alberti (2005), de “relações entre pessoas e pessoas, entre objetos e objetos, e entre os objetos e pessoas”, o que torna o foteheliógrafo, o Observatório que o utilizou e o Museu que o preserva receptáculos para o feixe de relações estabelecidas entre coisas e pessoas.

Na Figura 4, apresentada a seguir, é esboçada de modo sintético a primeira versão da biografia do foteheliógrafo. A figura tem como objetivos representar esquematicamente a biografia do instrumento, ressaltando o momento em que ele é uma mercadoria, assim como seu progressivo processo de singularização (KOPYTOFF, 2008), além de registrar informações obtidas sobre sua trajetória até a data da conclusão deste trabalho.

O esquema assinala seu contexto de uso e sua vida na coleção (ALBERTI, 2005). Optamos por manter no esquema informações a serem confirmadas, mas cujos indícios nos parecem por ora consistentes o bastante para serem seguidos. O uso do ponto de interrogação (?) indica insuficiência de documentação comprobatória, sinalizando maior probabilidade de revisão. Os trechos assinalados por asterisco (*) correspondem a relatos do Seu Odílio.

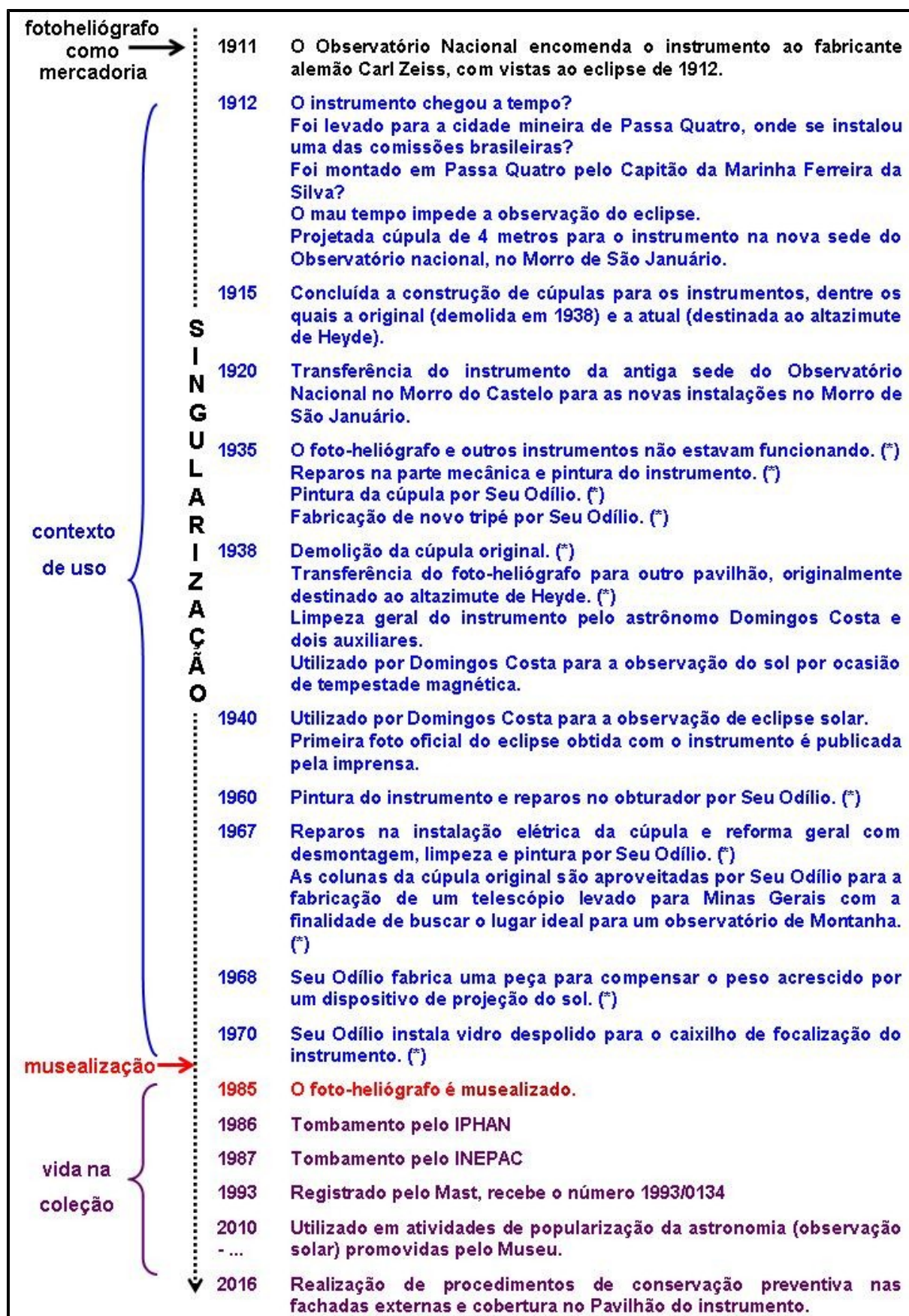


Figura 4: Esboço de biografia do fotoheliógrafo

Embora se trate de um instrumento utilizado para fins científicos em uma instituição científica, a biografia se baseou em relatos jornalísticos – que registram acontecimentos marcantes para a sociedade, mas que têm caráter efêmero e são pouco utilizados em textos acadêmicos. A opção por privilegiar os relatos de um funcionário do Observatório Nacional buscou enfatizar uma dimensão mais humana de um objeto que, a despeito da complexidade de sua função original e de seu uso científico, foi também instrumento de trabalho e alvo de ações triviais como limpeza, montagem etc., frequentemente negligenciadas por pesquisas acadêmicas. A relação estabelecida entre o Sr. Odílio Ferreira Brandão e os instrumentos com os quais lidava, embora eminentemente técnica, era cotidiana e, por isso, muito próxima, daí sua dedicação e a importância que eles assumem em suas memórias. O fato de ter produzido um registro diário e minucioso das atividades que desempenhou, bem como de suas impressões sobre a instituição permite estabelecer conexões talvez impossíveis por outros meios.

Nos vários contextos em que são introduzidas, nos diferentes momentos e espaços em que relações de reciprocidade se estabelecem, regulando interações entre si ou com e pessoas, coisas assumem vidas, funções e papéis distintos em sua natureza, atuando como referenciais de memória e marcadores de interações de todo tipo. Ainda que o estudo possa ter um futuro uso instrumental (mas nem por isso menor), acreditamos ser possível ultrapassar o fotoheliógrafo e demonstrar as possibilidades da abordagem biográfica em diferentes contextos, particularmente em trabalhos que relacionem informação, memória e cultura material.

REFERÊNCIAS

A NOITE, 24 fev. 1912.

A NOITE, 19 ago. 1912.

A NOITE, 27 set. 1940.

A NOITE, 30 set. 1940.

A NOITE, 01 out. 1940.

A NOITE, 05 out. 1940.

A NOITE, 07 out. 1912.

A NOITE, 09 out. 1912.

A NOITE, 10 out. 1912.

ALBERTI, Samuel J. M. M. Objects and the museum. *Isis*, v. 96, p. 559-571, 2005.

BARBOZA, Christina H. Encontros e desencontros na observação do eclipse solar de 10 de outubro de 1912. SEMINÁRIO NACIONAL DE HISTÓRIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA, 13. *Anais...* São Paulo: EACH/USP, 2012, v. 1. p. 1-11. Disponível em: <www.13snhct.sbhct.org.br/resources/anais/10/1352991527_ARQUIVO_ArtigoBarbozaSNHCTok.pdf> .Acesso em: dd? jun. 2016.

BARROS, Henrique L. Apresentação. In: BRANDÃO, Odílio F. *Os meus 40 anos de Observatório Nacional*. Rio de Janeiro: MAST, 1999, p. 3-5.

BRANDÃO, Odílio Fa. *Os meus 40 anos de Observatório Nacional*. Rio de Janeiro: MAST, 1999.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. *Relatório apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1913.

BRITISH Optical Instrument Manufacturers' Association. *Dictionary of british scientific instruments*. London: Constable and Company, Ltd, 1921.

CAFFARELLI, Roberto V. O eclipse de 1912. *Ciência e Cultura*, v. 32, n. 5, p. 561-574, 1980.

CORREIO DA MANHÃ, 04 out. 1912.

DAHLBERG, Ingetraut. Teoria do conceito. *Revista Ciência da Informação*, v. 7, n. 2, p. 101-107, 1978.

DIARIO DA NOITE, 19 fev. 1938.

FALCÃO, Douglas; VALENTE, Maria Esther; REIS, Eugênio. A Astronomia e o público leigo. In: MATSUURA, Oscar (Org.). *História da Astronomia no Brasil*. Recife: Cepe, 2014. Disponível em: <http://www.mast.br/pdf_volume_2/astronomia_publico_leigo.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2016.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. *Horizontes Antropológicos*, v. 18, n. 37, p. 25-44, jan./jun. 2012

JONES, Andrew. *Memory and material culture*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

KOPYTOFF, Igor. A biografia cultural das coisas: a mercantilização como processo. In: APPADURAI, Arjun. *A vida social das coisas*. Niterói: EDUFF, 2008, p. 89-123.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva – forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: _____. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003, p. 183-314.

REIS, Eugênio; SOUZA, Lise. Solar Observations and solar instruments. SIMPOSIO INTERNACIONAL DA COMISSÃO DE INSTRUMENTOS CIENTÍFICOS. Rio de Janeiro, 2012. [NÃO MENCIONADO NO TEXTO. RETIRAR DAS REFERÊNCIAS]

SANTOS, Cláudia P.; GRANATO, Marcus. A documentação dos acervos científicos e tecnológicos e o MAST: uma história a partir das memórias. In: GRANATO, M. (Org.). *Museologia e Patrimônio*. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2015, p. 141-176. (MAST: 30 anos de pesquisa, v. 1).

TILLEY, Christopher. Interpreting material culture. In: PEARCE, S. (Ed.). *Interpreting objects and collections*. London: Routledge, 1994, p. 67-75.

AGRADECIMENTOS:

Cláudia Penha dos Santos, Suely Teixeira da Silva, Márcia Cristina Alves, Antônio Carlos Martins, Beatriz Beltrão Rodrigues, Eugênio Reis Neto e Renata da Silva Bohrer.